

Aprender e Ensinar História: quando os desafios se transformam em oportunidades

Elvira Rodrigues

Docente na Escola Secundária Augusto Gomes; Formadora do CFAE_Matosinhos,
Colaboradora do Centro de Estudos de Desenvolvimento Humano da U.C.P.

Doutoranda em Ciências da Educação na UTAD.

elvira@esag-edu.net

“Sem a História não se pode ter a noção de espaço e de sociedade”.

Mattoso (2014)

1. Aprender e Ensinar numa Escola sem Distâncias

Aprender e ensinar na sociedade do conhecimento é um contínuo e incontornável desafio, face às novas perspetivas da realidade impostas por incessantes mudanças (Avedaño & Trujillo, 2013). O “homo sapiens digital” (Prensky, 2009) instalou-se e as apropriações sociais da linguagem digital (Moreno, 2013:118) fazem-se sentir em todos os setores da sociedade. As conceções de espaço, tempo e distância diluem-se nesta sociedade em rede, de que a escola é parte integrante.

A coaprendizagem e a coinvestigação são práticas cada vez mais emergentes nesta segunda década do século XXI, na ótica do que alguns já apelidam de aprendizagem e investigação criativa (*Horizon Report Europe*, 2014:1). Assim, mais de uma dezena de anos após a criação do movimento REA (Recursos Educativos Abertos), vivemos agora perante um “processo aberto” (Okada, 2013:22) em que o conhecimento, para além de rapidamente disseminado, também pretende ser “des-e-reconstruído-coletivamente” (Okada, 2013:13).

Aprender e ensinar História exige que encaremos os desafios desta sociedade globalizada e os transformemos em oportunidades. A partilha de boas práticas, através de espaços de encontro, debate e reflexão, génese de uma COP (Comunidade de Práticas) à escala concelhia, mediada por uma plataforma virtual, impõe-se. No quotidiano nas nossas escolas, no contexto específico da disciplina, ou de forma inter e transdisciplinar, desenvolvemos experiências de ensino diferentes e enriquecedoras. A sua divulgação e o debate interpares assumem-se como inegável contributo à melhoria das nossas práticas pedagógicas, transformando os desafios em oportunidades.

Nesta apresentação, partilho algumas experiências desenvolvidas em contexto educativo no âmbito da disciplina de História, passíveis de serem aplicadas quer no ensino básico quer no secundário. Esta partilha centra-se três eixos aglutinadores:

1. História, Memória e Património Local;
2. Ambientes Educacionais Emergentes: aplicação do modelo pedagógico 7E;
3. “Malas que Contam Histórias”.

2. História, Memória e Património Local

A História e o Património são um laboratório de experiências vividas, potenciadoras de várias e diversificadas abordagens pedagógico-didáticas.

O Património material e imaterial, com uma função social e individual, contribuiu para garantir o sentimento de identidade e de consciência coletiva. Assumindo-se o Património como um processo em construção, é necessário um esforço, uma divulgação, uma motivação que reforce a identidade... que ajude no “regresso às raízes” ... porque na Escola tudo é Currículo.

Num contexto de pedagogia de projeto e numa perspetiva transdisciplinar e de boas práticas, promotora de uma aprendizagem assente em multiliteracias, a Memória e o Património locais respondem afirmativamente aos principais desafios que se colocam ao ato de ensinar, a saber:

- A proximidade do projeto e a relação afetiva;
- O ato voluntário de se empenhar nas tarefas;
- A aprendizagem como indivíduo e como membro de um grupo;
- A aquisição de novos saberes;
- A relação afetiva e a ligação ao meio;
- A leitura e interpretação de documentos em diversos suportes;
- A exploração e construção de materiais;

A Memória e o Património locais, enquanto ferramenta pedagógico-didática, podem favorecer a sensibilização e transformação dos jovens em cidadãos ativos, responsáveis e intervenientes na preservação e divulgação da sua identidade patrimonial.

3. Ambientes Educacionais Emergentes

“(...) As escolas do século XXI continuam a debater-se com a mesma dificuldade, procurando, como no período que se seguiu à criação da imprensa, encontrar uma posição de equilíbrio que conserve a sua relevância como espaço privilegiado de ensino e aprendizagem e da missão do professor como mediador dessa mesma aprendizagem na escola sem muros, na aula aberta (...)”(Escola, 2005:448).

Ensinar e aprender, na sociedade do conhecimento, coloca os professores perante o desafio de uma educação sem distâncias (Ruivo, 2016), em que a criatividade didática e pedagógica se assumem como fundamentais, neste “mundo móvel e conectado” (Garrido, 2014:295).

“Não há longe nem distância” (Bach, 1997), aplica-se às inúmeras possibilidades da comunicação e sociabilização em rede, de que a escola e o sistema educativo são partes integrantes e a que não podem ficar alheios, contornando “(des)encontros entre práticas digitais e a escola” (Ferreira, 2015). Contudo, as mudanças no paradigma da aprendizagem ainda embatem na ubiquidade do “digital no mundo analógico do ensino e da aprendizagem” (Carvalho, 2015:617).

3.1. Modelo Pedagógico 7E



Uma revisão do estado da arte sobre aspetos pedagógicos, naquilo que Okada (2014:69) intitula de *era digital aberta*, colocou-nos perante o *Modelo Pedagógico 7E*. Este modelo está estruturado no pressuposto de que os alunos são coconstrutores, de forma ativa e colaborativa, do seu próprio conhecimento.

Fonte da Imagem: Elaboração própria.

E lucidar	Ponto de partida para a construção colaborativa.
E nvolver	[Motivação] Despertar a curiosidade e o interesse para a coaprendizagem.
E xplorar	Os alunos atuam de forma autónoma e colaborativa. Exploram os recursos indicados com a possibilidade de indicar outros, complementares.
E xplicar	Reflexão; sistematização e integração dos significados construídos nas fases anteriores.
E laborar	Auto e heteroavaliação do percurso efetuado nas etapas anteriores.
E xaminar	Elaboração de um produto concreto, de forma colaborativa, em coautoria.
E stender [Divulgar]	Possibilidade de aplicação dos conhecimentos adquiridos noutros contextos e também de outra forma.

Quadro 1: Estrutura do Modelo Pedagógico 7E.

Fonte: Elaboração própria a partir de Okada (2014:60-74).

Apresentamos um exemplo concreto de aplicação deste modelo, num tema do programa de História A. Este exemplo pode ser replicado também no ensino básico, no 7º ano de escolaridade.

4. "Malas que Contam Histórias" – A Mala do Historiador...

Inspirada no projeto "Malas que contam Histórias" (Cavalcanti, 2006), e em articulação com a mentora deste projeto, desenvolvemos a "Mala do Historiador", passível de ser utilizada de duas formas:

1. Como motivação e introdução a um tema /unidade temática. O professor prepara uma mala com uma série de objetos alusivos ao tema, propiciadores de uma "Tempestade de Ideias". A parte cénica associada à mala revelou-se, nos vários momentos em que a utilizamos, a grande mais-valia desta estratégia. Apresentamos o exemplo da mala das lendas de Matosinhos.
2. Os alunos, em grupo, constroem a sua própria mala, após a realização de um trabalho de pesquisa orientado (o qual pode também ser otimizado em articulação com o professor bibliotecário). Exemplificamos com a "Mala dos Descobrimentos", elaborada de forma transdisciplinar no âmbito do projeto "Vamos Organizar uma Viagem", no 8º ano de escolaridade.

Estes são apenas alguns exemplos ... Que nesta partilha, e parafraseando Mia Couto, nos "subjemos com os outros" e uma Comunidade de Práticas ganhe forma.

Referências Bibliográficas Citadas:

- AVEDAÑO, William, PARADA-TRUJILLO, Abad (2013). El Currículo En La Sociedad Del Conocimiento Cognitiva. In *Educ. Educ.* Vol. 16, No. 1, pp. 159-174.
- BACH, Richard (1997). *Não Há Longe nem Distância*. Porto: Publicações Europa América.
- CARVALHO, José (2015). O Digital no Mundo Analógico do Ensino e da Aprendizagem. In GOMES, Maria João, OSÓRIO, António & VALENTE, Luís (Org.) *Challenges 2015: Meio Século de TIC na Educação*. Braga: Universidade do Minho: 617-618.
- CAVALCANTI, Joana (2006). *Malas que Contam Histórias. Propostas de Atividades para a Dinamização de Contextos Lúdicos de Aprendizagem*. Lisboa:Paulus Editora.
- ESCOLA, J. (2005). "Ensinar e Aprender na Sociedade do Conhecimento". In *Livro de Atas, 4ª SOPCOM, Repensar os Media: Novos Contextos da Comunicação e da Informação*. Aveiro: Universidade de Aveiro:343,358.
- FERREIRA, Eduarda (2015). Práticas Digitais e Escola: (Des)encontros? In GOMES, Maria João, OSÓRIO, António & VALENTE, Luís (Org.) *Challenges 2015: Meio Século de TIC na Educação*. Braga: Universidade do Minho: 614-616.
- GARRIDO, Carlos (2014). Aprendizaje en Movilidad. In Osuna, Julio &ALMENARA, Julio (Coords). *Nuevos Escenarios Digitales*. Madrid: Ed. Pirâmide: 293-306.
- Horizon Report* (2014). Disponível em <https://goo.gl/TwvvnSc>. (Acedido a 29 de maio 2016 às 21horas).
- MATTOSO, José (2014). A História no Ensino Básico e Secundário. In <http://goo.gl/hvTyHW>. (Acedido a 2 junho às 20 horas).
- MORENO, José (2013). Do Analógico ao Digital. Como a Digitalização Afecta a Produção, Distribuição e Consumo de Informação, Conhecimento e Cultura na Sociedade em Rede. In *Observatorio (OBS*) Journal*, vol.7 - nº4 (2013), 113-129.
- OKADA, Alexandra (2014). *Competências Chave para CoAprendizagem na Era Digital. Fundamentos, Métodos e Aplicações*. Santo Tirso: WhiteBooks.
- OKADA, A. (Org., 2013). *Recursos educacionais abertos e redes sociais*. São Luis: EDUEMA.
- PRENSKY, Marc (2009). H. Sapiens Digital: From digital immigrants and digital natives to digital wisdom. *Innovate*, 5(3).
- RUIVO, João (2016). Professores: Os Grandes Obreiros da Renovação. In *Ensino Magazine*. <http://goo.gl/mcAzak> (Acedido a 20 março 2016 às 18 horas).